

O NÓS EXCLUSIVO E A PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR NO ARTIGO DE OPINIÃO: NEGOCIAÇÃO PELA EXPLICITAÇÃO DE AUTORIDADE

3

EXCLUSIVE WE AND FIRST PERSON SINGULAR IN ARGUMENTATIVE TEXTS: NEGOTIATION THROUGH EXPRESSING AUTHORITY

MISKIW, Alice Andrade

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Estadual do Oeste do Paraná
E-mail: alicemiskiw3@gmail.com
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-8688-573X>

CORBARI, Alcione Tereza

Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia
Professora adjunta do curso de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná
E-mail: alcione_corbari@hotmail.com
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-3247-7191>

RESUMO

Este artigo investiga o uso da primeira pessoa (*nós exclusivo* e primeira pessoa do singular) em 20 artigos de opinião publicados no jornal *Gazeta do Povo* nos anos de 2019 e 2020. Trata-se de resultados parciais de uma pesquisa de Mestrado que teve por objetivo geral identificar e descrever a função discursivo-pragmática do uso da primeira pessoa no movimento de negociação instaurado em artigos de opinião. Propõe-se um estudo cujo pilar principal é a Pragmática (PARRET, 1988; YULE, 1996; FIORIN, 1996, 2007), embora estudos de outras áreas, como Linguística de Enunciação, Linguística Funcional e Retórica contribuam para a análise proposta. Metodologicamente, propomos uma pesquisa qualitativa interpretativista orientada por procedimentos metodológicos da Análise Textual Qualitativa. A recorrência do *nós exclusivo* e da primeira pessoa do singular resultou na constituição da categoria *Negociação pela explicitação de autoridade*, a qual demonstra que a primeira pessoa é uma estratégia efetiva na construção da imagem de um enunciador competente, o que também contribui para mobilizar a adesão do leitor à perspectiva do articulista.

Palavras-chave: Primeira pessoa. Nós exclusivo. Negociação. Artigo de opinião.

ABSTRACT

This article investigates the use of the first person (*exclusive we* and first person singular) in 20 argumentative texts published in the newspaper *Gazeta do Povo* in 2019 and 2020. These are partial results of a Master's research that aimed to identify and describe the discursive-pragmatic function of the use of the first person in the negotiation movement established in argumentative texts. This research is based on the studies of Pragmatics (PARRET, 1988; YULE, 1996; FIORIN, 1996, 2007), although studies from other areas, such as Enunciation Linguistics, Functional Linguistics and Rhetoric contribute to the proposed analysis. Methodologically, we propose a qualitative interpretative research guided by methodological procedures of Qualitative Textual Analysis. The recurrence of the *exclusive we* and the first person singular resulted in the constitution of the Negotiation category by expressing authority, which demonstrates that the first person is an effective strategy in the construction of a competent enunciator image, which also contributes to the adhesion of the reader from the writer's perspective.

Keywords: discourse analysis; governance; racism; violence.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta resultados parciais de pesquisa de Mestrado¹ que responde à seguinte pergunta: Que função discursivo-pragmática o uso da primeira pessoa (*nós exclusivo* e primeira pessoa do singular) assume no movimento de negociação em artigos de opinião? Com o intuito de responder a esse questionamento, estabelecemos como objetivo geral identificar e descrever a função discursivo-pragmática do uso da primeira pessoa no movimento de negociação instaurado em artigos de opinião produzidos por articulistas, a partir da perspectiva da Pragmática.

A investigação considerou um *corpus* constituído por 20 artigos publicados no período de 2019 a 2020 sobre assuntos relacionados a problemas ambientais enfrentados no Brasil, fomentados pela propagação intensa de notícias e reportagens sobre o assunto diante de um contexto nacional no qual a postura do governo em relação ao meio ambiente tornou-se alvo de constantes debates. A pesquisa resultou na proposição de duas categorias: *Negociação pelo movimento de engajamento e*

¹ Cujo título é "A primeira pessoa como estratégia de negociação no artigo de opinião", defendida na Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Negociação pela explicitação de autoridade. Tendo sido a primeira categoria já apresentada no artigo intitulado *O nós inclusivo no artigo de opinião: negociação pelo movimento de engajamento*, o presente texto enfoca a segunda categoria.

Observa-se que poucos estudos têm sido propostos sobre a temática, principalmente no que se refere a trabalhos que tenham como foco a análise de marcas de primeira pessoa no gênero em questão, o que justifica a relevância dessa pesquisa. Além disso, seus resultados podem servir para guiar a abordagem pedagógica do gênero, uma vez que o estudo se interessa por um expediente linguístico recorrente no artigo de opinião que reflete uma instância enunciativa importante para a construção da orientação apreciativa nesse gênero: o índice de autoria (RODRIGUES, 2001).

Em conformidade com os estudos da Pragmática (PARRET, 1988; YULE, 1996; FIORIN, 1996, 2007), cuja investigação volta-se para a análise de fatos linguísticos em função do ato de enunciar (FIORIN, 2007), e tendo em conta os objetivos envolvidos na produção do artigo de opinião, partimos do pressuposto de que o uso das marcas de primeira pessoa reflete uma maneira de agir sobre o outro, constituindo-se como marca linguística de negociação (GOLDER; COIRIER, 1996).

Metodologicamente, propomos uma análise qualitativa interpretativista (BORTONI-RICARDO, 2008), com abordagem descritivo-interpretativa, cujo recorte metodológico é feito a partir da perspectiva da Análise Textual Qualitativa (MORAES, 2003). No que tange à perspectiva teórica, embora o estudo tenha como eixo a Pragmática, são também consideradas pesquisas que se inserem em outras áreas da Linguística que concebem o texto em uso, como a Linguística de Enunciação, a Linguística Funcional e a Retórica, por exemplo.

No que se refere à forma de organização deste texto, apresentamos primeiramente os conceitos que guiam a análise; na sequência, contextualizamos a pesquisa no que tange às escolhas metodológicas, à seleção do *corpus* e aos procedimentos de análise; por fim, resumizamos as análises referentes à categoria aqui apresentada, discutimos os resultados e apresentamos as considerações finais.

1. As marcas da primeira pessoa a partir da perspectiva da Linguística

A Pragmática é uma área da Linguística que estuda as relações entre as formas linguísticas e seus usuários, considerando os significados pretendidos pelos interactantes, suas suposições, seus propósitos ou

objetivos e os tipos de ações que realizam quando falam (YULE, 1996). Em outros termos, essa perspectiva teórica contribui para a compreensão das escolhas linguísticas a partir do contexto da enunciação, entendido como a movimentação da língua por um ato individual de utilização (BENVENISTE, 1991; FIORIN, 2007).

No movimento enunciativo, estabelece-se um *eu* e um *tu*, que são evidenciados por marcas linguísticas dêiticas, como pronomes pessoais e demonstrativos (FIORIN, 2007). O estudo sobre tais elementos contribui para a análise de outras formas de expressão da primeira pessoa do plural, como a desinência verbal, o pronome oblíquo e o pronome possessivo.

Nesta pesquisa, em que se considera a relação entre o uso da primeira pessoa e a negociação por argumento de autoridade, faz-se necessário explicitar os conceitos de enunciador e enunciatário que consideramos neste trabalho: o enunciatário diz respeito ao filtro e instância pressuposta no ato de enunciar, considerada sujeito produtor do discurso; e o enunciador é o produtor real, que leva em conta suas vivências e as do enunciatário a quem ele se dirige (FIORIN, 2007, p. 163).

A abordagem da pessoa gramatical presente nos compêndios gramaticais atuais remonta à sistematização proposta por Dionísio o Trácio relativa à primeira gramática sistematizada da língua grega (séc. II a.C.). Neves (2001) observa que Dionísio o Trácio classificou a primeira pessoa como a pessoa que fala (de quem parte o discurso); a 2ª pessoa como aquela a quem se fala (a quem se dirige o discurso) e a 3ª pessoa como aquela de quem se fala (sobre quem é o discurso), conceito que ainda permeia o ensino gramatical nas escolas, embora já questionado pela Linguística.

Séculos depois, Benveniste (1991), que fundamenta a presença linguística da subjetividade na linguagem, determinada pelo *status* linguístico de ‘pessoa’ (FLORES, 2013), foi o primeiro a falar sobre a consistência puramente linguística do *eu*, termo que não pode ser identificado senão na instância do discurso. Para o linguista, a pessoa no singular é a “pessoa estrita”, e a pessoa no plural é a “pessoa amplificada”, e apenas o que se conhece por ‘terceira pessoa’ – que, para o autor é uma não pessoa – admite um verdadeiro plural (BENVENISTE, 1991). Nessa perspectiva, o *nós* anexa ao *eu* uma globalidade indistinta de outras pessoas.

Neves (2018) também faz menção aos usos inclusivo e exclusivo da primeira pessoa do plural quando explicita que as formas plurais de

pronome pessoal nem sempre fazem referência apenas a indivíduos da mesma pessoa do discurso. Por exemplo, os pronomes pessoais de primeira pessoa (*nós, nos*) comumente envolve uma segunda ou terceira pessoa (ou ambas)².

Nessa mesma perspectiva, Fiorin (1996), buscando evidenciar não apenas as formas linguísticas existentes, mas também seu funcionamento em todas as instâncias, descreve o *eu* como aquele que fala e o *nós* como a junção de um *eu* com um não *eu*:

[...] há três nós: um inclusivo, em que ao eu se acrescenta um tu (singular ou plural); um nós exclusivo, em que ao eu se juntam ele ou eles (nesse caso o texto deve estabelecer que sintagma nominal o ele presente no nós substitui) e um nós misto, em que ao eu se acrescentam tu (singular ou plural) e ele(s) (FIORIN, 1996, p. 60).

Linguisticamente, a pessoa pode ser expressa por três conjuntos de morfemas que servem para expressar a pessoa: os pronomes retos e oblíquos; os pronomes possessivos; e as desinências número-pessoais dos verbos (FIORIN, 1996).

O trabalho de Fiorin (1996) acerca das categorias de pessoa supera os estudos da gramática tradicional. O autor, baseado nos pressupostos da Linguística da Enunciação, considera a enunciação um acontecimento único, realizado por sujeitos particulares em situações particulares e, portanto, fora dos quadros do sistema.

No artigo de opinião, as marcas de primeira pessoa estão intrinsecamente relacionadas à construção do *ethos* discursivo e ao movimento de engajamento. Nas próximas seções, detalhamos questões acerca do artigo de opinião e algumas estratégias considerando o movimento de negociação instaurado nesse gênero.

2. O processo de negociação instaurado no artigo de opinião

Sendo guiado pelo objetivo de manifestar a expressão valorativa a respeito de acontecimentos sociais que são notícia jornalística (RODRIGUES, 2001), movimentando a explicitação de perspectivas subjetivas, o artigo de opinião é um gênero que abre espaço para a explicitação de estratégias de negociação, com o objetivo de apresentar um texto que possa ser tomado como convincente pelo leitor.

² . . . Neves (2018) também cita os casos de referência pessoal genérica, que equivale a “qualquer pessoa”, os quais não serão aqui considerados pelo fato de tal referência, no caso da primeira pessoa do plural, não apresentar indeterminação total, já que na primeira pessoa do plural está sempre incluído o falante (*eu*).

De acordo com Golder e Coirier (1996), é por meio da argumentação que o enunciador tenta levar o enunciatário a aceitar o argumento proposto, agindo sobre suas opiniões, atitudes e comportamentos. Os autores mencionam que um enunciador que ocupa a posição de argumentador preocupa-se em fazer, por meio de operações argumentativas, com que o seu interlocutor compreenda a razão pela qual aquilo que está dizendo é válido e crível.

Segundo os autores, a negociação argumentativa pode ocorrer por meio do distanciamento do enunciador, que acontece quando sua incerteza aparece em expressões como “eu acho”, “eu acredito”, “talvez”; ou por meio de estratégias que demonstram que o enunciador está avaliando algo como bom ou ruim, como as expressões “é bom” e “é estúpido”, por exemplo. Para Golder e Coirier (1996), a construção da negociação é uma tarefa complexa que exige um gerenciamento elaborado do discurso, pois o enunciador precisa lançar-se à tarefa de fazer com que um diálogo aconteça em um monólogo, no qual são mobilizados argumentos e crenças do interlocutor (GOLDER, 1992).

Ao buscar construir uma operação de argumentos negociáveis, o enunciador demonstra que não vê seu interlocutor como um leitor passivo, mas como alguém que tem suas opiniões e está disposto a estabelecer trocas. A negociação é, então, um evento pragmaticamente localizado, fazendo parte de um contexto moldado pela própria atividade de fala (PARRET, 1988). Tal evento pode ser linguisticamente marcado, como ocorre, por exemplo, por meio das marcas dêiticas que são nosso objeto de análise.

Nessa perspectiva, entendemos que “negociação [...] diz respeito à forma como o produtor relaciona recursos linguísticos, manipulando-os para agir sobre o interlocutor, orientando a produção de sentido(s) a partir de sua posição sobre o tema abordado” (CORBARI, 2013, p. 25). Com o fim de validar um ponto de vista, as escolhas linguísticas relativas ao uso da primeira pessoa no artigo de opinião são movimentadas por aspectos pragmáticos, como, por exemplo, a construção da imagem de um enunciador competente, o que também contribui para a adesão do leitor à perspectiva do articulista, conforme explicitamos na seção de análise.

3. A construção do *ethos* discursivo

Ao emitir sua opinião sobre um fato de relevância social, o articulista assume a identidade de representante especialista e legitimado de sua

esfera social. Tal fato é significativo na construção da argumentação, visto que, “ao longo de uma troca comunicativa qualquer, os diferentes participantes [...] exercem uns sobre os outros uma rede de influências mútuas” (AMOSSY, 2019, p. 12). Essa ‘rede de influências mútuas’ é instituída entre enunciador e enunciatário em função das crenças e valores que ambos atribuem um ao outro, a fim de construir uma relação de confiança mínima que precisa ser estabelecida, caso haja a necessidade de convencimento na interação.

Nesse sentido, Amossy (2019) evidencia que todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. No entanto, a autora explica que, para construir sua própria imagem, o autor não precisa pintar seu próprio autorretrato, nem detalhar suas qualidades. Para a autora, o que cria a representação de um autor são elementos como o estilo, as competências linguísticas e enciclopédicas e suas crenças implícitas.

Para melhor compreender a noção da construção de uma imagem de si, recuperamos algumas questões acerca do *ethos* aristotélico. Eggs (2016) explica que Aristóteles se distanciou dos retóricos de sua época que afirmavam que o *ethos* não contribuía para a persuasão. Em uma famosa passagem da Retórica³, Aristóteles diz que “um homem rude não poderia dizer as mesmas coisas nem dizê-las da mesma maneira que um homem culto”, pois os temas e o estilo escolhidos devem ser apropriados ao *ethos* do orador, “a saber, a sua *héxis*, ao seu *Hábitus*, ou – para empregar um termo da sociologia interacionista – ao seu tipo social” (EGGS, 2019, p. 30, grifos do autor).

Aristóteles também afirma que, para que haja credibilidade em seu discurso, o orador necessita de três qualidades fundamentais: “a *phrónesis*, a *areté* e a *eúnoia* – ‘ter ar ponderado’ (para *phrónesis*), ‘se apresentar como um homem simples e sincero’ (*areté*) e ‘dar uma imagem agradável de si (*eúnoia*)” (EGGS, 2019, p. 32, grifos do autor). Disso se depreende que o orador é capaz de inspirar confiança se seus argumentos são tomados como razoáveis, honestos e amáveis.

Maingueneau (2005) também explora a ideia de que “por meio da enunciação revela-se a personalidade do enunciador” (MAINGUENEAU, 2005, p. 98), ou seja, o *ethos*. Quando lemos um artigo de opinião, é comum percebemos um tom que reveste o enunciado de autoridade. Esse tom é fruto da ideia que o leitor tem da representação do corpo do enunciador. Por corpo do enunciador devemos entender o conjunto

³ . Eggs (2016) explica que recorre aos três livros da Retórica de Aristóteles como Ret. I, Ret. 2 e Ret. III, e à Ética a Nicômaco.

de determinações físicas e psíquicas ligadas pelas representações coletivas a sua personagem. As representações coletivas são baseadas em estereótipos culturais que podem ser valorizados ou desvalorizados.

O *ethos*, então, é composto pelas ideias que são transmitidas pelo enunciador por intermédio de uma maneira de dizer que remete a uma maneira de ser. Consideramos o conceito de *ethos* importante para esta pesquisa pelo fato de que a imagem que o enunciatário constrói do enunciador pode ser fundamental no resultado da argumentação, pois, segundo Maingueneau (2005), “o poder de persuasão de um discurso consiste em levar o leitor a se identificar com a movimentação de um corpo investido de valores socialmente especificados” (MAINGUENEAU, 2005, p. 99). Logo, entendemos que a eficácia da palavra deriva de um *ethos* inteiramente construído pelo discurso e possível de ser esboçado pelo sujeito enunciativo. Assim, neste trabalho, propomos aliar o conceito de *ethos* à Pragmática para interpretar como a primeira pessoa pode agir em relação à construção do *ethos* do enunciador e, conseqüentemente, influenciar na negociação.

Tal escolha se dá a partir da observação de que o *ethos* discursivo pode contribuir para a movimentação argumentativa no artigo de opinião, pois cria diversas instâncias no relacionamento autor/leitor e pode estabelecer fatores que incitam a confiança do leitor no autor. Essa movimentação argumentativa pode ser visualizada nos textos que constituem o *corpus* desta pesquisa. Antes de chegar à análise, explicitamos, na próxima seção, uma contextualização da pesquisa, pontuando, entre outras questões, a escolha do *corpus* e o procedimento de análise adotado.

4. Aspectos metodológicos da pesquisa

Considerando que os objetivos deste trabalho pressupõem um olhar subjetivo das pesquisadoras na interpretação dos dados, este artigo constrói-se a partir da perspectiva qualitativa, pautada no viés interpretativista (BORTONI-RICARDO, 2008). Prodanov e Freitas (2013) explicam que a pesquisa qualitativa observa a relação dinâmica existente entre o mundo real e o sujeito. No nosso caso em específico, enfocamos a interpretação de um fenômeno linguístico cuja movimentação implica aspectos sociointeracionais.

Para interpretar o dado linguístico, pautadas na Pragmática, consideramos as ocorrências dentro de uma situação de interlocução específica, que envolve contexto de produção e circulação do texto, temática, interlocutores, entre outros aspectos. Nesse movimento

analítico, a participação ativa das pesquisadoras é considerada como parte constituinte do processo, uma vez que as categorias propostas estão submetidas a uma relação constante entre leitura e interpretação e a nosso envolvimento aprofundado em relação ao material analisado, visto que todo texto possibilita uma multiplicidade de leituras (MORAES; GALIAZZI, 2011).

Para uma análise dentro da perspectiva da Pragmática, é relevante considerar informações acerca do contexto de produção e circulação dos textos analisados, pois, conforme observa Yule (1996), o que é proferido deve ser sempre pensado dentro do contexto em que os interlocutores estão inseridos; ou seja, é preciso analisar como os falantes organizam suas falas de acordo com quem é seu interlocutor, qual é o momento da fala e em quais circunstâncias a enunciação está sendo proferida.

Assim, resumidamente, explicita-se que o *corpus* é constituído por 20 artigos de opinião que abordam questões relacionadas ao meio ambiente publicados no jornal *online Gazeta do Povo* no período entre junho de 2019 e maio de 2020. Esses textos foram escritos por autores que ocupam cargos de relevância social, sendo engajados, principalmente, em questões ambientais. O leitor previsto é o leitor médio do jornal, que, segundo informações apresentadas no *site* da *Gazeta*⁴, apresenta as seguintes características: mais da metade dos leitores é constituída por homens (58%), graduados (55%), casados (60%) e membros das classes sociais mais elevadas (83%); quase metade dos leitores (46%) tem entre 35 e 54 anos.

Para o tratamento e a análise dos dados, adotamos como procedimento metodológico a Análise Textual Qualitativa (MORAES; GALIAZZI, 2011), que busca gerar novas perspectivas sobre os fenômenos linguísticos e discursos. A Análise Textual Qualitativa organiza-se, fundamentalmente, em torno de três focos: a *unitarização* ou desmontagem de textos, fase em que as pesquisadoras examinaram e fragmentaram os textos que compõem o *corpus* para construir unidades constituintes que se relacionem com o uso da primeira pessoa; a *categorização* ou estabelecimento de relações entre as unidades de base, que resultou na formação de conjuntos que apresentam elementos próximos, ou seja, nas categorias já citadas na introdução deste texto; e a *comunicação* ou captura do novo emergente, momento em que constituímos um metatexto cuja função é explicitar e comunicar a compreensão que se obteve na combinação dos elementos constituídos nos passos anteriores.

4 . Dados retirados da seção 'Perfil do leitor', no site do jornal. Cf. PERFIL DO LEITOR. In: GAZETA DO POVO JORNAIS. Disponível em: <https://www.gazetadopovojornais.com.br/>. Acesso em: 29 jul. 2020.

Desse modo, em nosso primeiro contato com o *corpus*, localizamos e fragmentamos as ocorrências da primeira pessoa, considerando sua contribuição na tentativa de negociação instaurada no texto. Nessa fase da pesquisa, analisando os 20 textos que compõem o *corpus*, deparamo-nos com 45 ocorrências⁵ de primeira pessoa do singular e do plural (*nós inclusivo*). Depois de localizar e organizar as ocorrências, passamos a estabelecer semelhanças entre elas, para que pudéssemos agrupá-las. Nesse momento, foi tomada como norteadora a primeira pessoa do singular e a noção dos aspectos inclusivo e exclusivo do *nós* (BENVENISTE, 1991), visto que essa noção pode marcar a quem o enunciador se refere e definir o relacionamento entre os interactantes.

A característica da primeira pessoa do plural, se inclusiva ou exclusiva, e da primeira pessoa do singular serviu para que chegássemos às duas categorias de análise já citadas: *Negociação pelo movimento de engajamento* e *Negociação pela explicitação de autoridade*. Na primeira categoria, verificamos que há o envolvimento de um eu (articulista) com um tu (leitor) que é posto em cena por meio do uso da primeira pessoa do plural, em um movimento que busca engajar articulista e leitor. Na segunda categoria, que envolve o uso do *nós exclusivo* e do *eu* (primeira pessoa do singular), a primeira pessoa é uma estratégia efetiva na construção da imagem de um enunciador competente, o que também contribui para a adesão do leitor à perspectiva do articulista. Neste artigo, dada a limitação de espaço, dedicamo-nos a explicitar os resultados alcançados apenas em relação à segunda categoria, conforme posto na próxima seção.

5. A negociação pela explicitação da autoridade

Observamos que a primeira pessoa aparece nesta categoria na forma singular (*eu*), como é possível observar no primeiro exemplo que segue, e em sua forma plural (*nós*), mais especificamente o *nós exclusivo* (*eu+eles*), como exemplifica o segundo recorte:

Antes de o problema estourar,[1]eu já havia registrado que a solução do problema do desmatamento e das queimadas passa necessariamente pela presença ostensiva de forças militares, como prevenção e inibição dos criminosos, em uma área continental e de difícil movimentação, com o emprego de satélites que ajudam a identificar os focos.

5 . Foram consideradas todas as ocorrências do pronome pessoal do caso reto e oblíquo, as desinências verbais e os pronomes possessivos.

Embora o Brasil seja entendido como país emergente nesse contexto, ainda há muito que ser feito para [2] **comprendermos** e [3] **gerenciarmos** os oceanos de forma sustentável. Além do avanço nas pesquisas, é necessário ampliar o conhecimento da sociedade sobre os oceanos e, em especial, o uso do conhecimento científico na tomada de decisão (TURRA, 2019, n.p.).

No primeiro recorte podemos observar a primeira pessoa do singular. Nesse caso, o articulista coloca-se diretamente no texto pois confia em sua posição de autoridade no assunto. Veremos outras ocorrências como essa ao longo desta seção.

No segundo recorte, podemos observar a presença do *nós exclusivo*. Inicialmente, já conseguimos inferir que o leitor não está incluído, pois o gerenciamento dos oceanos não é uma tarefa atribuída a cidadãos comuns. Além disso, o contexto de produção do texto fortalece a interpretação de que se trata de ocorrência de *nós exclusivo*, pois o autor é Alexander Turra, professor do Instituto de Estudos Avançados e Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo (USP) e membro da Rede de Especialistas em Conservação da Natureza. Ou seja, o articulista é especializado no tema do artigo e faz parte de um grupo científico parte (especialistas no trabalho com oceanos) que está implicado no movimento enunciativo que envolve o uso da primeira pessoa.

Percebemos, também, que o uso da primeira pessoa do singular/ *nós exclusivo* pode colaborar para que o autor construa sua imagem com base no seu papel social (atuação profissional, cargo que ocupa, atuação em ONG, formação etc.).

Em outras palavras, o articulista está em posição que favorece a utilização da primeira pessoa – quer do singular, quer o *nós exclusivo* –, uma vez que ocupa uma posição de inserção recorrente no que tange à discussão sobre o meio ambiente. Esse uso linguístico pode contribuir para a angariação da confiança do enunciatário diante dos argumentos estabelecidos pelo enunciadador. A esta categoria está relacionada a noção de *ethos* envolvida no movimento de negociação argumentativa, uma vez que o poder de convencimento de um discurso corresponde à necessidade de fazer com que o leitor se identifique com determinados valores sociais (MAINGUENEAU, 2005, p. 99).

Maingueneau (2005) elucida que o *ethos* é válido para qualquer discurso, mesmo para o escrito. O autor explica que no texto escrito está presente um tom que dá autoridade ao que é dito. “Esse tom permite ao

leitor construir uma representação do corpo do enunciador [...] A leitura faz, então, emergir uma instância subjetiva que desempenha o papel de **fiador** do que é dito” (MAINGUENEAU, 2005, p. 98, grifo do autor).

Levando em consideração o contexto de produção dos artigos de opinião que constituem o *corpus* desta pesquisa, compreendemos que o fiador que transparece nos textos é de um indivíduo cientista, professor, ambientalista, homem de negócios, advogado, político, em resumo, uma pessoa pública, que exerce uma função de decisão no seu espaço de atuação e mostra-se como uma pessoa engajada com questões de relevância social e preocupada com o bem-estar da natureza e, por conseguinte, com o bem-estar da humanidade.

Essa construção da imagem de um articulista especialista engajado com o meio ambiente movimenta uma negociação em que o enunciador busca tornar o argumento confiável, e quiçá convencível, visto que “the arguer must make the addressee aware of the reasons why his/her own understanding of the issue is credible⁶ (GOLDER; COIRIER, 1996, p. 272). Logo, ao se mostrar engajado com o meio ambiente, o autor dá razões para o leitor adotar seu argumento como crível.

Visto que os leitores da *Gazeta do povo* (em sua maioria homens entre 35 e 54 anos) buscam ler e entender as questões relevantes da sociedade para colocá-las em prática no seu dia a dia, podemos relacionar o papel do fiador que transparece nos textos da *Gazeta* com o perfil dos leitores pois “os interactantes exercem uns sobre os outros uma rede de influências mútuas” (AMOSSY, 2019, p. 12).

No movimento observado no *corpus*, em que há a construção da imagem de um articulista engajado, considerando o conteúdo proposicional acionado, observamos que também existem micromovimentos em que o enunciador procura mostrar sua competência, considerando o aspecto semântico envolvido no contexto. Para demonstrar os diferentes efeitos da primeira pessoa do singular e do *nós exclusivo*, partimos aos exemplos. O primeiro recorte selecionado abaixo é o primeiro recorte que aparece nesta seção fazem parte do primeiro grupo de micromovimentos semânticos, nos quais podemos observar ocorrências que acionam um posicionamento avaliativo em que se explicita a interpretação subjetiva do articulista a respeito do conteúdo proposicional:

[4] **Tenho para mim** que a Covid-19 escancarou para toda a humanidade a mesquinhez e a soberba dos homens, que se julgavam donos do presente e do futuro, senhores do

⁶ “o argumentador deve fazer o interlocutor ciente das razões pelas quais seu entendimento da questão é crível” (GOLDER; COIRIER, 1996, p. 272, tradução nossa).

lucro e do progresso, dominadores da tecnologia. Porém espelham-se, repentinamente, em sua humanidade decaída, estampam sua deficiência moral e sua incapacidade ante o desconhecido, e ainda parecem tentar lutar contra a ideia de que [5] fomos feitos para cooperar. [6] Somos seres da solidariedade e somente quando nos [7] assumirmos assim obteremos algum sucesso (REQUIÃO, 2020, n.p.).

O recorte destacado demonstra que, ao utilizar a primeira pessoa do singular, o articulista opta por evidenciar sua opinião e seu posicionamento sobre algo. Esse movimento é fundamental para a construção da negociação, visto que, segundo Golder e Coirier (1996), “by presenting oneself as more or less sure of what one has to say, the speaker creates greater or lesser distance between him/herself and her/his utterances; this distance enables the hearer to negotiate the object of debate”⁷ (GOLDER; COIRIER, 1992, p. 52).

Assim, temos que, para que um discurso argumentativo seja aceitável, o enunciador deve construir seu objeto de discurso por meio do emprego de enunciados axiológicos em oposição ao emprego de enunciados factuais, já que o emprego de enunciados factuais reduz a possibilidade de uma real negociação entre os participantes (GOLDER, 1996).

Nessa perspectiva, nos movimentos de negociação apresentados acima, o enunciador explicita que esta distância em relação ao que enuncia é estreitada, apresentando de forma explícita seu juízo de valor sobre algo (‘eu acho’, ‘eu sinto’, ‘em minha opinião’ etc.). Ao apresentar seu juízo de valor, o enunciador recorre ao recurso da primeira pessoa, buscando evidenciar que apresenta sua opinião sobre algo, abrindo espaço para a negociação (GOLDER; COIRIER, 1994).

No segundo grupo de micromovimentos, também observamos a presença da primeira pessoa do singular; porém, como é possível verificar no recorte abaixo, temos ocorrências que estão relacionadas a um conteúdo proposicional mais descritivo, que relata experiências:

Quando [8] **me mudei** para a cidade de Paragominas, em plena expansão da fronteira de ocupação da Amazônia, em 1984, [9] **eu** era um jovem cientista que desembarcava na região para estudar a recuperação de florestas em áreas de

7 . “Ao se apresentar como mais ou menos certo sobre o que tem a dizer, o falante cria uma distância maior ou menor entre ele e seus enunciados. Essa distância possibilita o ouvinte a negociar o objeto do debate” (GOLDER, COIRIER, 1992, p. 52, tradução nossa).

pastagens abandonadas. [10] **Eu me imaginava** chegando em uma versão brasileira do Velho Oeste. [11] **Esperava** uma cidade cheia de bandidos e grileiros. Mas, em vez disso, o que [12] **descobri** foram famílias corajosas e trabalhadoras que haviam chegado a esta cidade de serrarias, fazendas de gado e assentamentos de pequenos produtores para melhorar sua vida (NEPSTAD, 2019, n.p.).

Em, [8], [9], [10],[11] e [12] e nas demais ocorrências relativas a esse micromovimento, temos um autor que descreve suas experiências como “um jovem cientista”, sempre recorrendo ao uso da primeira pessoa do singular. De acordo com Rodrigues (2001), devido ao lugar social de onde fala o articulista, seu comentário e seu posicionamento sobre determinado acontecimento social tornam-se tema de interesse para os jornais e para o público leitor. Este, por sua vez, tende a ser mais facilmente engajado na linha argumentativa desenvolvida no texto quando a imagem do articulista está vinculada ao prestígio na esfera da qual faz parte.

No recorte acima, a incorporação do relato de fatos passados traz ao texto o *ethos* da autoridade da experiência vivida do seu autor. Esse relato de experiências incorpora ao artigo dados com os quais o articulista constrói e sustenta seu ponto de vista (RODRIGUES, 2001). Portanto, o uso da primeira pessoa do singular, nesses casos, contribui para a negociação do argumento do enunciador, visto que é uma estratégia linguística que tem como fim validar e fazer prevalecer o ponto de vista apresentado no texto (CORBARI, 2013).

Nesta categoria, ainda podemos observar a presença da primeira pessoa do plural, quando o autor recorre ao *nós exclusivo* (eu+eles) para referir-se a algum grupo do específico e especializado (‘nós economistas’, ‘nós ambientalistas’). Esse *nós exclusivo* é chamado de ‘plural de autor’ por Fiorin (1996). Segundo o autor, esse tipo de nós é tipicamente usado na escrita jornalística e científica, e serve não apenas para expressar, mas também para aumentar a autoridade do falante/autor. Fiorin (1996) menciona esse tipo de *nós* também ocorre em obras científicas, conferências etc.

Nesse caso em análise, o enunciador usa o *nós* porque tem atrás de si a comunidade científica, que fala em nome da Ciência, do Saber. O autor estabelece-se como um delegado dessa coletividade cuja autoridade deriva da instituição científica. As ocorrências que apresentam o *nós exclusivo* também foram subdivididas em dois grupos

de micromovimentos. No primeiro deles, o enunciador se coloca no texto, juntamente com seu grupo, para mostrar que tem conhecimento de alguma questão/conceito, conforme exemplifica este recorte:

Quando [13]**falamos** de fiscalização inoperante, é porque existem vários processos judiciais que mostram de forma cabal as fraudes e as vistas grossas por uma parte substancial dos órgãos fiscalizadores (Ibama, Ipaam e vários outros) – inclusive com prisão por afastamento de um superintendente do Ibama do Amazonas, que havia tentado liberar, de forma irregular, 450 contêineres de madeira ilegal. Os governos estaduais e o governo federal já sabiam destes e de outros fatos horrendos. Poderiam ter se adiantado e encaminhado o assunto de forma cabal. Além, é obvio, de ter acirrado a fiscalização, o que não ocorreu (BEZERRA, 2019, n.p.).

Nesse recorte, o enunciador menciona a “fiscalização inoperante”, conceito que é colocado no texto juntamente com os verbo “falamos”. O enunciador menciona o conceito e os explica usando a primeira pessoa do plural. Dessa forma, o que se transmite é a ideia de que ele entende sobre o conceito mencionado, pois fala em nome da Ciência (FIORIN, 1996). Podemos verificar outras 29 ocorrências pertencentes a esse grupo no *corpus*

No segundo microgrupo, deparamo-nos com ocorrências que denotam ações do enunciador e de seu grupo em relação às causas ambientais, como podemos observar no recorte que segue:

O Brasil está seguramente entre os países mais sustentáveis do planeta, não há dúvida. [14]Nossa agricultura é em grande medida moderna, produzindo alimentos, fibras e energia de qualidade e de forma competitiva, com grande respeito ao meio ambiente. [15]Temos o Código Florestal, talvez a norma ambiental mais restritiva do planeta, com legislação sobre Áreas de Preservação Permanente, Reserva Legal e outros mecanismos que os estrangeiros – em especial os europeus – nem de longe possuem. Cerca de 60% de [16]nossa vegetação nativa está preservada, sendo 80% no caso da Floresta Amazônica. [17]Temos o etanol, exemplo de biocombustível renovável, e o RenovaBio, mecanismo concreto de redução de emissões e sem gastos

públicos. [18] Nossa matriz energética é das mais limpas do mundo, com cerca de três vezes mais fontes renováveis que a média mundial, chegando a 84% nas fontes limpas de energia elétrica, seja hidráulica, eólica, solar e biomassa. [19] **Implementamos** reflorestamentos importantes e diversas práticas ambientais que fazem do Brasil o grande player ambiental (SALLES, 2019, n.p.).

Nesse recorte, o autor menciona a implantação de “reflorestamentos e diversas práticas importantes”, ou seja, há, nesse caso, a construção de uma imagem de competência, visto que o autor e seu grupo realizaram uma ação de importância para o país. Nesse tipo de ocorrência um *ethos* de competência social e profissional é manifestado, legitimando o ponto de vista do autor e estabelecendo uma espécie de garantia para o seu discurso (RODRIGUES, 2001).

Observamos, nesta seção, a apresentação de alguns micromovimentos relacionados ao uso da primeira pessoa do singular e do *nós exclusivo*. Sendo para demonstrar sua opinião sobre algo e tornar o argumento discutível, sendo para demonstrar suas experiências em relação a algo que contribui para o desenvolvimento do tema abordado ou para mencionar o grupo do qual faz parte como uma espécie de garantia para o discurso, o enunciador trabalha com a primeira pessoa como uma estratégia linguística que contribui para a negociação.

Considerações finais

Este artigo objetivou identificar e descrever a função discursivo-pragmática do uso da primeira pessoa do singular e do *nós exclusivo* no movimento de negociação instaurado em artigos de opinião publicados no jornal *Gazeta do Povo*. Para isso, as perspectivas teórica e metodológica centrais que nos proporcionaram embasamento foi a Pragmática e a Análise Textual Qualitativa.

Ao analisar o *corpus*, podemos afirmar que o uso da primeira pessoa do singular e o *nós exclusivo* são recorrentes nos 20 textos e ocorrem de várias formas que contribuem para as tentativas de negociação instauradas. Em relação à categoria aqui apresentada, chegamos aos seguintes resultados:

1) A observação das ocorrências da primeira pessoa do singular e do *nós exclusivo* levou ao estabelecimento da categoria de análise intitulada *Negociação pela explicitação de autoridade*.

2) Dentro dessa categoria, foram identificadas 45 ocorrências, divididas em quatro grupos de micromovimentos semanticamente articulados, os quais representam que, por meio do uso da primeira pessoa do singular e do *nós exclusivo*, o enunciador: a) procura evidenciar sua competência acionando um posicionamento mais avaliativo; b) procura evidenciar sua competência acionando um posicionamento mais descritivo ao relatar experiências; c) coloca-se como parte de um grupo especialista, acionando uma espécie de garantia para o seu discurso; d) coloca-se como parte de um grupo competente.

Em alguns momentos, o enunciador coloca-se no texto em primeira pessoa do singular, ora relatando suas experiências, ora acionando um posicionamento avaliativo em que se explicita a interpretação subjetiva a respeito do conteúdo proposicional. Em outros, ele recorre à primeira pessoa do plural (*nós exclusivo*) para colocar-se no texto, juntamente com seu grupo, mostrando que tem conhecimento de alguma questão/conceito, ou mencionando as ações de seu grupo em relação às causas ambientais, demonstrando competência.

Nessa dinâmica discursiva, pautada no argumento de autoridade, explicita-se que o autor parte de um grupo social que toma decisões importantes para o meio ambiente e, por isso, o enunciatário pode confiar em suas palavras. Tais estratégias são entendidas aqui como marcas da negociação argumentativa (GOLDER, 1996; GOLDER; COIRIER, 1994, 1996; PETRONI, 2005; CORBARI, 2013), uma vez que o emprego da primeira pessoa contribui para a sustentação da tese defendida no texto. As formas de movimentar a primeira pessoa do singular e o *nós exclusivo* buscam demonstrar que o enunciador está em uma posição de especialista e, por isso, pode colocar-se diretamente no texto, instaurando o índice de autoria (RODRIGUES, 2001) como elemento relevante para a orientação apreciativa apresentada.

Tais movimentos de negociação argumentativa indicam que a forma como o enunciador coloca-se no texto pode dizer muito sobre ele. Isso fica claro quando recorreremos aos estudos sobre a construção da imagem de si, que nos dizem que o *ethos* não é dito explicitamente, mas mostrado “as propriedades que os oradores se conferem implicitamente através de sua maneira de dizer: não o que dizem explicitamente sobre si próprios, mas a personalidade que mostram através de sua maneira de exprimir” (MAINGUENEAU, 2001, p. 137). Assim, o enunciador não diz que é competente em sua área e, por isso, é digno de confiança, mas menciona suas experiências, expressa sua opinião e coloca-se como porta-voz de um grupo, estrategicamente adotando a primeira pessoa nos momentos adequados.

Considerando que a Pragmática estuda o sentido dentro de um contexto de uso, observamos que as escolhas relativas à marcação do enunciador no texto e sua relação com o parceiro da interação no texto opinativo, especificamente no que tange ao uso da primeira pessoa, giram em torno do contexto de produção/circulação, da temática abordada e das particularidades do gênero. Em outros termos, o uso da primeira pessoa é pesado no texto considerando o contexto pragmático que o envolve, o que mostra que as formas linguísticas estão sujeitas aos contextos de uso. Essa análise é fortalecida quando observamos que os elementos linguísticos considerados neste trabalho são dêiticos, e que “um dêitico só pode ser entendido dentro da sua situação de comunicação e, quando aparece num texto escrito, a situação enunciativa deve ser explicitada” (FIORIN, 2007, p. 162).

Referências

AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

BEZERRA, Mârcello. A cegueira brasileira no meio ambiente. **Gazeta do Povo**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/a-cegueira-brasileira-no-meio-ambiente-queimadas-amazonia/>. Acesso em: 14 jan. 2020.

CORBARI, Alcione Tereza. **Elementos modalizadores como estratégias de negociação em textos opinativos produzidos por alunos de ensino médio**. 200 f. 2013. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

BENVENISTE, Emile. **Problemas de Linguística Geral**. Tradução de Maria da Glória Novak. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

EGGS, Ekkehard. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Trad. Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019. p. 29-56.

PERFIL DO LEITOR. In: GAZETA DO POVO JORNAIS. Disponível em: <https://www.gazetadopovojornais.com.br/>. Acesso em: 29 jul. 2020.

GOLDER, Caroline. Production of Elaborated Argumentative Discourse: The Role of Cooperativeness. **European Journal of Psychology of Education**, France, v. 7, n. 1, p. 51-59, 1992.

- GOLDER, Caroline; COIRIER, Pierre. The production and recognition of typological argumentative text markers. **Argumentation**, Dordrecht-Boston, v. 10, p. 271-282, 1996.
- FILHO, Norman de Paula Arruda. Meio ambiente: o assunto do momento. Ainda bem!. **Gazeta do Povo**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/meio-ambiente-o-assunto-do-momento-ainda-bem/?ref=veja-tambem>. Acesso em: 14 jan. 2020.
- FIORIN, José Luiza. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística II**: princípios de análise. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- FLORES, Valdir Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos da comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.
- MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2011.
- MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática**: história, teoria e análise, ensino. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- PARRET, Herman. **Enunciação e pragmática**. Tradução de E. P. Orlandi *et al.* Campinas: UNICAMP, 1988.
- PETRONI, Maria Rosa. Construção do objeto discutível: argumentação e interação. **Polifonia**, Cuiabá, n. 10, p. 113-133, 2005.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013.
- REQUIÃO, Glauco. A sustentabilidade como caminho para a vida. **Gazeta do Povo**, 23 de abr. de 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/a-sustentabilidade-como-o-caminho-para-a-vida/>. Acesso em: 07 de jul. de 2020.
- RODRIGUES, Rosangela Hammes. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo**: cronotopo e dialogismo. 2001. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

SALLES, Ricardo. O Brasil na COP. *Gazeta do Povo*, acesso em: 23 de abr. de 2021. Disponível em:

SILVEIRA, Luciane Carlan. **A articulação entre ethos e efeitos de sentido**: uma visão enunciativa sobre articuladores textuais, pronomes e verbos em textos do vestibular da UFSM. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, 2017.

TURRA, Alexander. Conhecimento científico e a sustentabilidade dos oceanos. **Gazeta do Povo**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/conhecimento-cientifico-e-a-sustentabilidade-dos-oceanos/?ref=veja-tambem>. Acesso em: 14 jan. 2020.

YULE, George. **Pragmatics**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

RECEBIDO EM: 04/09/2022

ACEITE EM: 12/01/2023